

Anabel e a Mentira

Desde muito tempo — acho que da época em que os leões ainda tinham asas — dizem por aí que as mentiras têm pernas curtas. Mas, se quisermos mesmo identificá-las, temos que prestar bastante atenção, pois elas são mais ou menos assim: cabeça de pêra, pescoço comprido, olhos vermelhos e pele geralmente roxa e viscosa.

Algumas são grandes e metidas. Outras, pequenas e abusadas. Entretanto, essa história não é tão velha assim, porque, nesse tempo, já existiam escolas.

— Bem... a maioria das mentiras é assim — pensava Anabel.

Ela as conhecia bem, já que era uma verdadeira especialista em mentiras! Tinha uma coleção interminável espalhada por todos os cantos de seu quarto. No início, guardava-as apenas ali: embaixo do tapete, na última prateleira do guarda-roupas, atrás da escrivaninha... Porém, com o passar do tempo, já não encontrava mais lugar onde escondê-las. Começou com uma simples prateleira cheia de frascos, cada um com uma mentirinha enroscada. Mas logo elas pularam para fora do armário e passaram a se esconder nos lugares mais esquisitos da casa.

Anabel tinha uma irmãzinha chamada Aninha e, para explicar o jeito diferente dela, começou a inventar histórias. Aninha não gostava de brincar com outras crianças. Preferia ficar por horas girando uma colher, bem embaixo da mesa da cozinha. Anabel ficava envergonhada diante das amiguinhas, por causa dessas coisas estranhas que a irmã fazia. A avó tentava explicar que Aninha era assim porque tinha autismo. Entretanto, Anabel não conseguia entender essa palavra.

Autismo.

Era grande demais, difícil demais. Então, preferia explicar do seu próprio jeito, inventando pequenas mentiras.

— Não faz mal — pensava ela.

— É como se fôssemos personagens de histórias.

Mas, quando as mentiras começaram a pular dos armários e aparecer por toda parte, ela se apressava em escondê-las. E, para isso, precisava de outra mentira ainda

maior. No início, achou engraçado. Até tentou fazer amizade com elas. Mas não deu certo. *Porque não se pode confiar em mentiras.*

Na escola do vilarejo, quando perguntavam por que sua irmã ficava num canto, balançando as mãos e sem falar com ninguém, Anabel respondia:

— Ela viaja para outra dimensão! Vive incríveis aventuras no espaço!

Depois, se empolgava tanto que começava a contar as aventuras de Aninha nesses lugares imaginários. O problema era que, quanto mais ela inventava, mais mentiras surgiam. E essas criaturinhas nunca ficavam quietas: apareciam do nada e, às vezes, causavam verdadeiras desgraças. A vida de Anabel estava virando uma tragédia. Ela passava o dia inteiro vigiando suas mentiras, prendendo, escondendo, alimentando e controlando-as — um trabalho exaustivo!

E toda vez que precisava esconder uma mentira, criava outra. Virou um círculo vicioso. Como andar num carrossel que nunca para. O mais estranho é que o motivo que a fez começar a mentir já nem existia mais. Sua família havia ido à escola, conversado com os professores, explicado sobre Aninha. Todos entenderam. A menina era diferente, sim, mas doce, carinhosa e muito especial. Aninha agora ia para a escola bem contente.

Mas Anabel... continuava a mentir. Por qualquer coisa. Em qualquer lugar. Se a mãe perguntava:

— Anabel, já escovou os dentes para dormir?

— Sim, mamãe!

POF!

A mentira aparecia no mesmo instante, pulava no ombro da mãe e soprava a verdade no ouvido dela. Às vezes, as mentiras de Anabel ficavam enormes! Certo dia, contou à colega Celinha:

— Meu avô tem uma vaca branca da cor das nuvens. Ela se chama Celeste e sabe voar! Meu avô a levou para um circo na Europa, e juntos ganharam muito dinheiro! Mas Aninha escutou e, com o jeito simples de quem não conhece a mentira, disse:

— Não. Vovô é mecânico. Depois, saiu pulando e rindo.

Ela não entendeu por que Anabel tinha inventado aquilo. Mas ficou tão curiosa com a história da vaca voadora que largou a mochila na pracinha e saiu correndo até a casa do avô — olhando o céu, procurando a vaca nas nuvens. E se perdeu...

Quando a mãe chegou para buscá-las na escola, só encontrou Anabel. A senhora ficou apavorada:

— Onde está minha menininha?

Todos saíram à procura. Mas ninguém sabia para onde Aninha poderia ter ido, nem por quê. Anabel, coberta de mentiras — no cabelo, no vestido, grudadas entre os dedos — não tinha coragem de dizer que havia inventado uma história absurda sobre uma vaca voadora. Ninguém podia imaginar o que aconteceria em seguida. A mãe perguntou:

— Anabel, você viu sua irmã no recreio?

— Não, mamãe... não a vi...

E então... uma mentira *enorme*, *horrenda*, com olhos vermelhos e baba escorrendo pelo queixo, surgiu na sala. A mãe e a avó ficaram petrificadas no sofá. A criatura abriu a boca para engolir Anabel inteira. A menina fechou os olhos e gritou com toda força do peito:

— Nunca mais vou contar uma mentira novamente!

A mentira começou a encolher.

— Nunca mais! Nunca mais! Nunca mais! — repetia Anabel.

PLOFT!

A mentira estourou, espalhando gosma por toda a sala. A mãe e a avó voltaram ao normal. Correram para abraçá-la.

Anabel contou a verdade — e todos foram correndo até a casa do vovô. Ao chegarem lá, viram Aninha de mãos dadas com o avô, apontando para o céu:

— A vaca! A vaca! A vaca!

— Você viu uma nuvem que parece uma vaca, Aninha? — perguntou o avô.

E os dois ficaram juntos, procurando nuvens com cara de vaca no céu da tarde. E foi assim que Anabel aprendeu que, por mais difícil que seja, a *realidade é sempre melhor* do que viver se enganando e contando mentiras.

Depois daquele dia, Anabel *nunca mais mentiu*. E todas as mentiras que ela guardava no quarto, na casa, nas roupas, começaram a estourar: *plef! ploft! pluft!* Sumiram para sempre.

Anabel passou a ensinar suas colegas da escola a brincar com a Aninha. Elas aprenderam que crianças com autismo têm um jeito especial de brincar, mas são como todas as outras: só precisam de carinho e brincadeiras divertidas.

E assim, todos ficaram felizes.

E as mentiras...

Nunca mais atrapalharam suas vidas.

FIM